

A CONTRIBUIÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DA REGIÃO SUL DA AMAZÔNIA BRASILEIRA À CRISE ECOLÓGICA GLOBAL⁵

Lucimar Santiago de Abreu, Amaury Santos e Maria Aico Watanabe

Introdução

Poucos estudos têm analisado o papel da população amazônica para a conservação ecológica da biodiversidade e para a redução dos efeitos da crise ecológica global. Esse estudo aborda experiências com Sistemas Agroflorestais (SAFs) desenvolvidas pela Associação de Agricultores Alternativos (APA), em Ouro Preto do Oeste - RO. O objetivo foi o de verificar se é possível conciliar a conservação ambiental com o desenvolvimento da agricultura familiar no sul da Amazônia. A hipótese é que a agrobiodiversidade associada aos Sistemas Agroflorestais contribui para a minimização da crise ambiental global. Essa afirmação se contrapõe ao velho diagnóstico de culpar os agricultores menos

⁵Esse capítulo é a versão modificada do trabalho apresentado na reunião do Congresso da Sociedad Científica Latinoamericana de Agroecología, (SOCLA). La Plata, Argentina2015.

favorecidos economicamente pela destruição de florestas. O estudo documentou cultivos agroflorestais conduzidos por agricultores familiares que contribuem para preservação da floresta e que são ao mesmo tempo produções utilizadas na alimentação. Concluiu-se que essa experiência social contribuiu fortemente para o estabelecimento de uma convivência ética com a natureza e para a construção de uma identidade local ecológica, além de garantir a segurança alimentar. Os obstáculos relacionados à crise administrativa da APA não anulam o sucesso da experiência de SAFs e simbolicamente expressam uma resposta local à crise ecológica global contemporânea.

As florestas representam um importante estoque natural de carbono e o desmatamento e as queimadas estão contribuindo para o efeito estufa, uma vez que liberam o carbono armazenado na biomassa florestal para a atmosfera na forma de CO₂ (IPAM, 2017). O Brasil está entre os cinco maiores emissores mundiais de gases de efeito estufa, sendo que 61% das suas emissões são resultantes de mudanças de uso do solo e desmatamento (ESTADOS UNIDOS, 2010). Estima-se que cerca de 55% das emissões antrópicas de metano provêm da agricultura e pecuárias juntas (EMBRAPA MEIO AMBIENTE, 2015) Entre 2003-2008, as criações de gado emitiram 1090 milhões de toneladas de CO₂, que representa 75% das emissões da Amazônia, devido ao desmatamento. O restante foram emissões ocasionadas pela agricultura, principalmente, pela produção de soja. Os Sistemas Agroflorestais em oposição a isto, retiram o CO₂ da atmosfera, através da fotossíntese. Portanto, são os criadores de gado e agricultores de soja na Amazônia os principais responsáveis pelo desmatamento e emissão de gases de efeito estufa na região.

O sistema de uso da terra baseado em Sistemas Agroflorestais tem sido recomendado para diversas situações na América Latina, por um conjunto de autores de reconhecimento mundial no campo da agroecologia (ALTIERI, 2001). Recentemente, alguns autores retraçaram a trajetória do desenvolvimento da agroecologia no Brasil e na América Latina (ABREU; BELLON, 2013). No Brasil, a agroecologia é fonte de inspiração para a construção de sistemas agroalimentares ecológicos que, a partir de 2003, foi fortalecida através de políticas públicas.

Este trabalho investiga a possibilidade de conciliar a conservação ambiental com a expansão da agricultura familiar na Amazônia e, conseqüentemente, reduzir os efeitos da crise ecológica global (gases de efeitos estufa, em especial).

Para desenvolver essa proposição, uma pesquisa foi conduzida junto à Associação de Produtores Alternativos (APA), localizada no território de Ouro Preto do Oeste, Rondônia, no Sudoeste da Amazônia, que detém mais de uma dezena de anos de experiência com o desenvolvimento de SAFs, buscando-se entender os aspectos relacionados à agrobiodiversidade e à segurança alimentar.

O estudo documentou, dentre outros elementos, os cultivos anuais e perenes, associados ou não, à criação animal, que contribuem para preservação da floresta e que são ao mesmo tempo utilizados na dieta desses agricultores. Um mapeamento e a revisão da literatura permitiram compreender o processo histórico de ocupação regional do Estado de Rondônia. Em seguida, buscou identificar e caracterizar as principais atividades e estratégias desenvolvidas pelos agricultores familiares da APA, no intuito de garantir a reprodução social familiar, cujas ações são direcionadas para a construção e gestão da agrobiodiversidade, através da adoção de SAFs, em suas Unidades de Produção (UP). Esse trabalho de pesquisa permitiu reconstruir a trajetória sócio-profissional dos agricultores da APA e entender os desafios e limites colocados pelas condições concretas de suas experiências coletivas e individuais.

No passado, agricultores familiares praticavam agricultura itinerante cortando e queimando as árvores para estabelecer cultivos anuais. Quando o solo se esgotava, estes cultivos eram substituídos por pastagens. Depois do esgotamento das pastagens, a terra era abandonada e a família mudava para outros lugares para explorar novas áreas de florestas. Este fenômeno social e ambiental diminuiu gradativamente no decorrer dos últimos 15 anos (WATANABE; ABREU, 2010).

A seguir serão apresentados o contexto local e os principais cultivos anuais, perenes e criações animais oriundas da adoção do modelo alternativo de produção baseado em Sistemas Agroflorestais, para

refletirmos em termos gerais sobre as consequências destes sistemas na redução dos efeitos da crise ecológica global. Conclui-se que o apoio institucional e o fortalecimento das organizações sociais e de projetos comprometidos com a construção de agrobiodiversidade são fundamentais para a consolidação e ampliação das experiências ecológicas na Amazônia.

Metodologia

Este estudo foi realizado em momentos diversos. Trata-se de um estudo de caso iniciado em 2005, após visitas e reuniões na localidade. Técnicos do Ministério do Meio Ambiente do Programa Nacional denominado Proambiente, aplicaram mais de cem questionários junto à população rural que havia adotado os SAFs. Em 2007, esse material nos foi cedido para uma avaliação do processo de transição agroecológica e foram selecionados para a pesquisa, especificamente cinquenta agricultores pertencentes à APA. Essa avaliação possibilitou identificar a problemática da pesquisa e compreender o quadro geral da transição. O conhecimento desta situação produziu a emergência de novas hipóteses.

Em seguida, visando um aprofundamento do conhecimento, foram realizadas visitas na região em diversas ocasiões e um conjunto de entrevistas orais foram aplicadas usando como guia condutor das entrevistas um roteiro aberto. Foram selecionados vinte e nove agricultores pertencentes à APA, para a condução de entrevistas qualitativas, visando retratar a trajetória das atividades desses agricultores e seu processo de transição, ações complementares a análise anterior.

O roteiro aberto envolvia perguntas que visavam conhecer os Sistemas Agroflorestais por eles adotados, o manejo do solo, o manejo de pragas e doenças, os produtos agroecológicos, os canais de comercialização por eles buscados, as fontes de renda, a produção de subsistência, os custos de produção, a satisfação com os preços recebidos na comercialização

dos produtos, o destino da renda obtida, entre outros aspectos. Esse trabalho de pesquisa foi também de natureza compreensiva, pois não se limitou às perguntas do roteiro e produziu ricos relatos sobre a trajetória de vida das famílias e a evolução das condições de vida nos últimos 30 anos na localidade. Em 2014, novos contatos foram estabelecidos para atualização de informações, somados à revisão da literatura para compreender as mudanças em curso e a evolução da situação do desenvolvimento das agroflorestas locais.

Resultados e discussões

O contexto geral do Estado de Rondônia tornou-se mundialmente conhecido tanto pelo crescimento populacional exponencial, fruto de políticas públicas de incentivo à migração, como pelos explosivos índices de desmatamento causados por modelos de produção agropecuária importados do centro-sul brasileiro (WATANABE; ABREU, 2010). Assim, a colonização de Rondônia foi marcada pela substituição sem precedentes da floresta tropical nativa por áreas de pecuária extensiva e de plantações, como as de café. Atualmente, a diversificação das atividades produtivas e a transição dos sistemas agropecuários convencionais para sistemas de base agroecológica ainda constituem um importante desafio para a recuperação ambiental associada ao fortalecimento econômico da agricultura familiar em Rondônia.

Universo social da pesquisa

O universo social da pesquisa (Tabela 1) revela que vinte sete famílias são compostas pelo casal mais filhos em várias faixas etárias. Não foram encontrados viúvos, significando que ninguém havia perdido o seu cônjuge, apenas em uma das famílias a esposa se encontrava enferma; nem desquitados e divorciados mostrando matrimônios bem

estabelecidos e duradouros. Não foram encontradas crianças (0 – 11 anos) trabalhando como mão de obra; todas elas estavam estudando nas escolas. Quando os primeiros migrantes chegaram à Rondônia, na década de 1970, não existiam escolas e as crianças trabalhavam com os pais na roça. Os agricultores se encontravam em várias faixas etárias, o mais jovem com trinta e um anos e o mais idoso com sessenta e nove anos. As faixas etárias dos filhos encontradas foram: crianças, presentes em quatro famílias, adolescentes (12 – 18 anos) em dez famílias, adultos jovens (19 – 30 anos) em onze famílias e adultos maiores de trinta anos em uma família, duas famílias com filhos com empregos fora da propriedade, em uma família o filho estava estudando na universidade e em três famílias não existiam filhos (Tabela 1). Alguns agricultores não responderam sobre as questões (ver coluna “Sem informação” na Tabela 1); não se insistiu com a obtenção dos dados para deixá-los à vontade.

Tabela 1. Idade dos agricultores e de seus filhos em Ouro Preto do Oeste, Rondônia.

Faixa etária	30 – 39	40 – 49	50 – 59	+60	Sem informação
Nº Agricultores	2	10	10	2	5
Filhos	0 – 11	12 – 18	19 – 30	+ 30	Sem informação
Nº Filhos	4	10	11	1	2

Os jovens (dois) eram somente estudantes, significando que estavam investindo na aquisição de maior escolaridade para garantir um futuro melhor, somente trabalhando como mão de obra (um), isto é, pararam de estudar ou eram tanto estudantes como mão de obra em tempo parcial (cinco) significando que além de estarem investindo em sua escolaridade

estavam ajudando nas tarefas da propriedade. Os filhos adultos jovens (19 a 30 anos) trabalhavam como mão de obra em tempo integral. Havia também famílias com filhos adultos que já haviam deixado a casa dos pais para construir suas próprias vidas.

Os Sistemas Agroflorestais e a diversificação da produção

Nas últimas décadas, a região de Ouro Preto do Oeste, experimentou iniciativas que visavam promover a agricultura de base ecológica, iniciativas essas foram promovidas tanto por movimentos sociais como por órgãos governamentais (QUOOS, 2010). Recentemente, estudos que buscaram caracterizar os sistemas de produção, naquela região, reforçaram a existência de um potencial para a intensificação da transição agroecológica, o que poderia ser alcançado pela ampliação da percepção social sobre a importância ecológica e econômica do meio ambiente. Na Tabela 2 apresenta-se a distribuição do número de agricultores para cada tipo de SAF estudado. Nota-se que foram entrevistados 29 agricultores, embora os que desenvolviam Sistemas Agroflorestais eram apenas 21, o que se pode verificar na Tabela 2.

Tabela 2. Número de agricultores com Sistemas Agroflorestais(SAFs).

Tipo de SAF	Café	Cacau	Café e cacau	Café, cacau e Cult. amazônicos
N / Agricultores	7	2	4	8

A maioria dos agricultores implantou a produção comercial de café ou cacau sob a forma de SAF. O cultivo do cacau que é conduzido em SAF em todo o país já era familiar desde suas experiências em Minas

Gerais, o estado de origem da maioria dos migrantes de Ouro Preto do Oeste. Esses migrantes conheciam o cultivo do cafeeiro a pleno sol como praticavam em Minas Gerais e em Rondônia mudaram para o sistema sombreado. O cultivo do cafeeiro em SAF exigiu aprendizagem de novos conhecimentos e tecnologias, como a escolha de cultivares apropriadas para o cultivo sombreado, a época de plantio mais adequada às condições de Rondônia, a escolha das espécies de árvores sombreadoras mais propícias ao cafeeiro, novas técnicas de preparo e adubação do solo, técnicas de plantio das mudas, espaçamento compatível para o cultivo sombreado, necessidades de irrigação, condução do cultivo, manejo de pragas, doenças e ervas espontâneas, com inclusão de novas espécies próprias da Amazônia, além daquelas que eles já conheciam desde experiência agrícola anterior em Minas Gerais.

Os agricultores foram também instados a inovar suas técnicas de trabalho. O agricultor que desenvolvia SAFs de café e cacau estava mais avançado em termos de conhecimento que aquele que plantava apenas uma das duas espécies. Quando diversificaram, introduzindo nos SAFs cultivos da Amazônia como o açaí, cupuaçu, seringueira, pupunha e pimenta, viram-se diante de desafios ainda maiores que quando introduziram o cultivo sombreado do cafeeiro. Eram cultivos inteiramente novos, cuja tecnologia e conhecimento tiveram que aprender, apresentando-se todos como inovadoras, por incluir a diversificação do sistema de produção. Um dos desafios foi a escolha das espécies amazônicas mais apropriadas para o tipo de solo de suas propriedades, e a escolha da época certa de plantio de cada espécie. Foram levados a aprender a técnica de colheita, beneficiamento, embalagem e tiveram que buscar novos canais de comercialização das colheitas das espécies amazônicas. Para aprender a cultivar essas espécies, contaram com o apoio da APA, Emater, associações e cooperativas e diversas ONGs. Após a transição agroecológica apenas um agricultor deixou de produzir o cacau e dois deles, o café.

A quase totalidade dos agricultores familiares de Ouro Preto do Oeste entrevistados possuem nas unidades de produção, cultivos anuais, perenes e criação de animais. Como espécies anuais,

identificaram-se plantios de arroz, feijão, milho, mandioca, abacaxi e cana-de-açúcar. Esses cultivos são destinados principalmente para o consumo doméstico, com venda eventual do excedente. Quanto às espécies perenes frutíferas, foram registrados pomares de laranja, manga, caju, banana, mamão, abacate, pupunha, cupuaçu e coco. Estas espécies também são cultivadas para atender o consumo familiar e o mercado efetuado via APA. O café e o cacau são cultivados tendo em vista atender predominantemente o mercado nacional. As fruteiras laranjas, manga, caju e abacate atendem exclusivamente o consumo da família e apresentam-se em pequeno número de árvores (< 50 plantas por Unidade de Produção). As demais fruteiras atendem tanto o consumo doméstico como o mercado local e nacional, no caso de plantios comerciais em larga escala (> 50 plantas).

As espécies de animais catalogadas foram as seguintes: bovinos de corte e de leite, aves, suínos, equinos, muares, ovinos, abelhas e peixes. Em 82,7% das propriedades produzem-se bovinos de leite e seus produtos (leite e derivados) cuja destinação é tanto para consumo da família (quando a quantidade era inferior a cinco cabeças de vacas) quanto para venda dos produtos às cooperativas. A carne e os ovos das aves têm como destino o consumo doméstico (número máximo de aves = 200), com venda eventual. Os suínos, dado o pequeno número de animais (número máximo de suínos = 20), são destinados ao consumo doméstico.

A área explorada com os cultivos anuais constituídos por apenas uma espécie, foi observada em duas propriedades agrícolas. Todavia, em todas as UP havia cultivos perenes diversificados, com plantio extenso de café e/ou cacau e fruteiras com produção destinada predominantemente para o mercado (banana, mamão, pupunha e cupuaçu). É digno de nota que a laranja, manga, caju, mamão, abacate, pupunha, cupuaçu e coco são também fruteiras cultivadas pelas comunidades amazônicas de ribeirinhos e seringueiros, o que contribui para a segurança alimentar dessas populações. Ao se verificar a procedência dos agricultores de Ouro Preto do Oeste, nota-se que 72,5% eram migrantes dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo, onde essas

fruteiras já são tradicionalmente cultivadas. Na pesquisa foi observada a manutenção de roçados (familiares ou comunitários) e quintais em volta das casas, que são fornecedores de hortaliças, legumes e plantas medicinais. O hábito de cultivar roçados e quintais, além das fruteiras acima mencionadas, acompanharam esses migrantes, que se ocuparam de preservar e perpetuar esse costume preservador da segurança e soberania alimentar na nova terra.

Agrobiodiversidade e soberania alimentar

Dada à exuberância da agrobiodiversidade observada nos cultivos anuais e perenes e nas criações de animais e no destino declarado a esses produtos para consumo interno das famílias (além da destinação ao mercado), nota-se que essa comunidade de agricultores familiares conta com alimentação rica e diversificada, obtida com produtos procedentes da própria unidade de produção, ficando as famílias com menor dependência de alimentos de mercados e feiras da cidade, alcançando autossuficiência quase total, permitindo menos viagens à cidade, realizadas somente para adquirir alguns itens alimentares, como açúcar, sal e óleo.

Graças à produção própria e diversificada, as famílias desses agricultores contam com uma alimentação rica e variada em fontes calóricas fornecidas pelo arroz, feijão, milho e mandioca. É também rica e variada em fontes proteicas fornecidas pela carne e ovos de aves, carne de suínos, leite e derivados, rica em sais minerais e vitaminas, fornecidas pelas hortaliças, legumes e as frutas de diversas espécies.

APPs e matas ciliares

Na Tabela 3 apresentam-se os dados coletados referentes ao número de agricultores com áreas de preservação permanente (APP) e mata ciliar

em área sem aplicação de agrotóxicos⁴. Observa-se que áreas de APPs e matas ciliares eram mantidas de acordo com a legislação por dezessete e treze agricultores, respectivamente; áreas menores que a exigida pela legislação por dois e seis agricultores, respectivamente; dois agricultores não tinham APP e dois, matas ciliares. As APPs são importantes na Amazônia, por preservar a vegetação dos topos dos morros, encostas, margens dos rios (matas ciliares). De acordo com o atual Código Florestal na região Amazônica os agricultores devem manter 80 % da área de sua propriedade ocupada pela Reserva Legal.

As matas ciliares são importantes para evitar o assoreamento e o secamento dos cursos d'água. Um dos agricultores apontou falta de água devido ao secamento de igarapés e córregos porque seus vizinhos convencionais haviam derrubado inteiramente suas matas ciliares.

Tabela 3. Número de agricultores com áreas de preservação permanente (APP) e mata ciliar em áreas sem aplicação de agrotóxicos.

Área de preservação	De acordo com a legislação	Menor que a exigida	Não existe área de preservação
APP	17	2	2
Mata ciliar	13	6	2

Em seguida são apresentadas as percentagens das unidades de produção que não utilizam agrotóxicos:

⁴Conforme mencionado anteriormente no tópico “Os Sistemas Agroflorestais e a diversificação da produção”, do conjunto de vinte e nove agricultores entrevistados somente 21 possuíam SAFs em suas propriedades.

Tabela 4. Áreas sem aplicação de agrotóxicos.

Percentual	100%	95%	67,8%	20%	14%	Sem informação
N° Agricultores	15	3	1	1	1	8

Áreas sem aplicação de agrotóxicos cobriam 100% das propriedades de quinze agricultores; três agricultores mantinham 95% de sua propriedade sem pesticidas, três tinham áreas menores que 95% sem pesticidas. Do conjunto de 29 agricultores entrevistados durante a pesquisa de campo, somente 20 agricultores se manifestaram sobre a aplicação de agrotóxicos, oito agricultores não ofereceram a informação.

A APA entra em processo de falência

De acordo com Kohler et al. (2011), esse, o cenário de sucesso apresentado, se transforma depois de 2008, a APA entra em processo de falência, com uma diretoria respondendo na Justiça por dívidas e processos movidos por ex-funcionários, sendo que esta era considerada exemplo de bom desempenho organizacional, com apoios nacionais e internacionais. Os autores buscaram identificar os fatores que provocaram a mudança do cenário, concluem que as expectativas e visões de mundo dos atores chaves diretamente associadas à experiência da APA – de um lado agentes institucionais (governamentais e não governamentais) e de outro, os agricultores envolvidos, diferem largamente. Enquanto para os atores institucionais a falência da entidade denota um fracasso da organização social, por não ter conseguido manter um projeto com chances econômicas, em especial sob o plano internacional, essa visão diverge das motivações dos agricultores que, apesar do interesse e do conhecimento desenvolvido

em manejo de SAFs, não tinham como projeto social ser transformados numa vitrine do desenvolvimento sustentável da Amazônia. Para tanto, seria necessário um aumento forte da escala de produção e mudanças no funcionamento da organização produtiva. Recentemente, pudemos constatar, sem aprofundar nesta questão, que as expectativas da maioria dos agricultores da APA, estão focalizadas na busca da manutenção do modelo alternativo que possibilita a geração da renda e a soberania alimentar, ou seja, uma completa autonomia e autossuficiência alimentar e a garantia da reprodução familiar. Nesse sentido, mais experientes, esses agricultores da APA retomam a dinâmica da produção, agregação de valor e comércio, inserindo seus produtos ainda que de forma precária, no mercado local e nacional. Parecem experimentar um novo momento, provavelmente mais consciente de seus limites e do seu verdadeiro projeto social e econômico.

Conclusões

A escolha de um modelo de produção baseado na combinação de cultivos anuais e perenes e de criações animais, expressa sem dúvidas a importância das populações locais para a construção e gestão da agrobiodiversidade e da soberania alimentar local. Seus sistemas de produção agroflorestal fortemente diversificados contribuem para a redução do desmatamento e conseqüentemente desmistificam ideias conservadoras daqueles que acusam os agricultores menos favorecidos como responsáveis pela destruição das florestas.

Concluiu-se que, apesar da instabilidade econômica e social vivenciadas pela crise recente associada à gestão ética e financeira da entidade dos agricultores ou da APA, nota-se que os coletivos ainda pactuam e compartilham entre eles os valores da sociedade ecológica global, princípios de desenvolvimento social e respeito ecológico. A convivência ética com a natureza fortaleceu a identidade local e, nesse sentido, as dificuldades vivenciadas em período recente não anulam o sucesso da experiência de construção da agrobiodiversidade local.

Entretanto, as políticas públicas de incentivo que visem promover comportamentos conservacionistas nesta região, são ainda precárias e descontínuas. É preciso que o Estado dê suporte para populações locais que aderiram ao modelo alternativo baseado em SAFs, para aumentar os efeitos benéficos em relação à redução do desmatamento e das queimadas, à reconstrução das áreas devastadas e à proteção dos recursos hídricos, uma vez que essas populações estão comprometidas com a conservação ecológica e devem ser reconhecidas pelo Estado. Tal recomendação baseada em situações concretas e realidades sociais deveriam ampliar o caldo do plano do governo de Combate à Mudança Climática Global, que tem como ambição reduzir e liquidar, nos próximos anos, a taxa atual de desmatamento da Amazônia, que na última década sofreu reduções significativas.

Referências

ABREU, L. S. de; BELLON, S. The dynamics and recomposition of agroecology in Latin America. In: HALBERG, N.; MULLER, A. (Ed.). **Organic agriculture for sustainable livelihoods**. New York: Routledge, 2013. p. 223-245.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001. 110 p.

EMBRAPA MEIO AMBIENTE. **Agricultura e efeito estufa**. Disponível em: <<http://www.cnpma.embrapa.br/projetos/index.php3?sec=agrog:::85>>. Acesso em: 10 maio 2014.

ESTADOS UNIDOS. National Aeronautics and Space Administration. **Carbon dioxide**: latest measurement: july 2010.. Disponível em: <<http://climate.nasa.gov/keyIndicators/>>. Acesso em: 5 jul. 2010.

IPAM. **Quais são as principais fontes de gases de efeito estufa decorrentes das atividades humanas?** Disponível em: <<http://ipam.org.br/entenda/quais-sao-as-principais-fontes-de-gases-de-efeito-estufa-decorrentes-das-atividades-humanas-2/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

KOHLER, F.; ISSBERNERLL, L. R.; LÉNALL, L.; MARCHAND, G. Falência é fracasso? O caso da Associação dos Agricultores Alternativos de Ouro Preto do Oeste, Rondônia, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas**, v. 6, n. 2. p. 319-331, 2011.

QUOOS, R. D. **A transição agroecológica em Rondônia**: Associação de Produtores Alternativos de Ouro Preto do Oeste. 2010. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

WATANABE, M. A.; ABREU, L. S. de. **Estudo agroecológico de agricultores familiares de base ecológica no sudoeste da Amazônia (Ouro Preto do Oeste, Rondônia)**. Jaguariúna: Embrapa Meio Ambiente, 2010. 58 p. (Embrapa Meio Ambiente. Documentos, 81).